

A Santarém do Baixo-Amazonas: conservadora e predestinada à grandeza¹

Érica Alves de Oliveira TAVARES²

Jessé Andrade SANTA BRÍGIDA³

Krisllen Mayra Morais COELHO⁴

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁵

Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, PA

Resumo

O estudo aqui apresentado buscou observar o jornal *O Baixo-Amazonas*, periódico publicado na cidade de Santarém, Pará, entre 1872 e 1896. Trata-se de continuidade de pesquisas anteriores, tentando preencher lacunas a respeito da história da imprensa no estado, em especial, no interior, tendo em vista a carência de informações sobre os meios impressos regionais. No levantamento de dados das edições do jornal, utilizamos inicialmente o protocolo da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia-ALCAR, e procedemos em seguida a uma análise enunciativa das edições disponíveis na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, e na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Foram observadas 25 edições, cuja análise possibilitou perceber a enunciação do *Baixo-Amazonas* guiada pelo alinhamento político ao Partido Conservador e à Igreja Católica, exaltando a cidade e as riquezas da região. Com isso, registra-se também uma determinada memória emanada dos discursos que circulavam na região e que estão presentes ainda na atualidade.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Memória; Santarém; Século XIX.

Introdução

O objetivo do trabalho foi observar parte da história da imprensa na cidade de Santarém por meio do jornal *Baixo-Amazonas* (1872-1896) e continuar as investigações sobre a imprensa no interior do estado do Pará no século XIX em busca de montar um

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do V Encontro Regional Norte de História da Mídia.

² Estudante de Graduação do 7º semestre de Comunicação Social - Jornalismo da UFPA. Bolsista CAPES do projeto Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência, aprovado no Edital 071/2013 do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica-PROCAD/CAPES. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia e do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet. E-mail: tnlerica@gmail.com.

³ Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia e do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet. E-mail: jesse.asb@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação do 5º semestre de Comunicação Social-Jornalismo da UFPA. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia e do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet. E-mail: krisllenmayra2010@gmail.com.

⁵ Professora da Universidade Federal do Pará, com atuação na Faculdade de Comunicação, no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA-CNPq) e coordenadora do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet, apoiado pelo CNPq, Edital Universal 2016.. Bolsista CAPES em Estágio Pós-Doutoral. E-mail: netilia@uol.com.br, netiliaseixas@gmail.com.

quadro mais contextual sobre a mídia impressa, uma vez que ainda se tem poucos dados a respeito das cidades fora de Belém, por isso avançamos com estudos sobre as cidades de Cameté e Vigia (SEIXAS, BRÍGIDA, SANTOS, 2018; BRÍGIDA, SEIXAS, 2017). Agora, partimos para a cidade de Santarém a fim de avançar nas pesquisas sobre os meios impressos na região.

É a partir dos pensamentos de Pedro Navarro Barbosa (2003) sobre como os jornais impressos são ricas fontes de relatos e vestígios da sociedade, constituindo-se como locais de memória, que este trabalho se fundamenta e se propõe a entender a história da mídia no Pará. Pois, segundo o autor,

[...] os lugares de memórias funcionam como indicadores empíricos da memória coletiva, uma vez que visam definir aquilo que é comum e o que diferencia um grupo do outro. A memória encerrada nesses lugares é um elemento essencial para a construção e reafirmação da identidade nacional (BARBOSA, P. N., 2003, p. 111).

Buscar a história dos jornais que circularam no século XIX, mais do que analisar um meio técnico de comunicação, é ter acesso a vestígios e fragmentos do passado (BARBOSA, M., 2010) e entender como se deu parte da trajetória da imprensa fora da capital, Belém.

Este trabalho se constitui em uma pesquisa de caráter exploratório (OROZCO; GONZÁLES, 2011) e documental (CELLAD, 2012). Busca entender parte da história da imprensa na cidade de Santarém, com a finalidade de contextualizar os enlaces sociais da imprensa santarena. O estudo também se fundamenta a partir das pesquisas desenvolvidas sobre a mídia impressa por Geraldo Mártires Coelho (1993; 2008; 2009), Vicente Salles (1992), Netília Silva dos Anjos Seixas (2016) e outros que nos impulsionam na busca de melhor entender a história e preencher as lacunas sobre imprensa na região.

O jornal *O Baixo-Amazonas* está disponível para consulta no acervo de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para este estudo, foram observadas 25 edições, que foram de 1872 a 1894. A coleta de dados seguiu o protocolo da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), com a finalidade de colher informações como data de fundação, periodicidade, editorias, profissionais envolvidos, temáticas abordadas, entre outras.

A análise dos dados permitiu observarmos que o jornal tinha um alinhamento político ao partido Conservador da região e à Igreja Católica, marcadores do lugar de fala

do enunciador, e o periódico evidencia uma enunciação ufanista a respeito da localidade exaltando o local a partir de um olhar religioso, utilizando o termo “predestinação” ao se referir ao, que podemos entender como, “sucesso econômico e social” da localidade de Santarém.

Memória, enunciado e enunciação

A partir de Maurice Halbwachs (2006), podemos entender que as memórias individuais - vozes individuais de um dado grupo social que perpassa o tempo, a sociedade e são chamadas à tona, consciente e inconscientemente - somam-se e formam a memória coletiva. Jan Assmann (2008) entende que essa soma possibilita uma construção de uma memória cultural que, por sua vez, é institucionalizada, objetivada e armazenada em forma de símbolos que transcendem as situações e podem ser transmitidas de uma geração a outra (ASSMANN, 2008). Na memória coletiva encontramos sujeitos históricos que se constituem dentro do emaranhado de vozes que os antecedem e os constroem. E mais: a própria experiência ajuda a interagir com essas vozes e elaborar a própria voz do indivíduo que está marcado em um tempo e espaço (HALBWACHS, 2006; ASSMANN, 2008).

Brandão (2015) estabelece uma ligação entre a memória e a enunciação na construção do sujeito, pois o mesmo assume uma imagem no momento da enunciação e tal imagem dependerá, em certa medida, das memórias às quais o indivíduo está atrelado no momento histórico social do ato enunciativo.

Sua fala/escrita apresenta efeitos polifônicos, porque no seu discurso outras vozes também falam. O sujeito se forma, se constitui na relação com o outro, percebendo sua alteridade; isto é, da mesma maneira que toma consciência de si mesmo na relação com esse outro, o sujeito do discurso se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade na medida em que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, etc. (BRANDÃO, 2015, p. 26).

A memória social se alimenta dos discursos localizados em dado espaço e tempo social. Podemos pensar a história como processos comunicacionais que circulam e revelam um “rosto histórico” de dada época (BARBOSA, M., 2016, p. 146) com seus desenhos próprios, vestígios emanados também nas enunciações. Segundo Marialva Barbosa (2016, p. 149), “o passado só se deixa ver sob a forma de processos comunicacionais duradouros”.

Ou seja, “estudar o passado é estudar os processos comunicacionais” (BARBOSA, M., 2016, 149).

Por isso pensamos a enunciação a partir dos estudos de Verón (2004, p. 217), que a entende como “um ato de conferência, de atribuição conjunta de sentido às palavras”. Assim, a enunciação é o ato de fala, é o modo de dizer, numa relação estabelecida entre enunciador e coenunciador. “As modalidades do dizer dão forma, constroem” o dispositivo de enunciação (VERÓN, 2004, p. 219).

Dentro da enunciação encontramos os efeitos de sentidos, que são múltiplos e diversos. Um discurso ou o conjunto deles não se constitui em um objeto homogêneo e sim em “um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito” (VERÓN, 2004, p. 216).

O conjunto de significações inclui a língua, a cultura, a ideologia e o imaginário e toda a complexidade e diversidade desses quesitos (BENETTI, 2006). Tanto o dizer, quanto o interpretar, são movimentos de construção de sentido e são afetados pelo sistema de significações (BENETTI, 2006). Para Verón (2004), o dispositivo de enunciação propõe discursos para os destinatários, carregados de valores, atributos e vínculos, num dado contexto cultural e social. O contexto sociocultural não pode ser separado da atividade de produção de sentido, pois ele codetermina os sentidos (VERÓN, 2004).

O jornal impresso é uma das instâncias midiáticas organizadoras que age e opera sobre outros campos (mas que sofre também ações desses campos) produzindo múltiplos sentidos (BORELLI; SANCHOTENE, 2008). A ligação entre o campo midiático e os outros campos sociais se dá por meio dos sujeitos, que enunciam distintos discursos a seus destinatários.

É dentro dessa discussão que se pode entender melhor o papel dos meios de comunicação na construção de memórias, pois, por eles, pode-se ter acesso a parte do contexto de uma época ou lugar, como apontam Ribeiro e Brasiliense (2007).

Os meios de comunicação são, na contemporaneidade, os grandes mediadores entre os sujeitos e o mundo. É fundamentalmente através dos relatos jornalísticos que tomamos conhecimentos de guerras, conflitos, calamidade, dramas urbanos e uma infinidade de outras situações. A história do nosso tempo - como dizia o slogan publicitários do jornal *O Globo* - é aquela vivida através dos meios de comunicação. (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2007, p. 222).

Entender os meios de comunicação como os mediadores da contemporaneidade é depreender que neles estão contidas partes da vivência da sociedade na qual estão imersos,

no processo de memorização dos fatos e acontecimentos (RODRIGUES, 2001; PONTES; SILVA, 2010). Os primeiros meios de comunicação do século XIX no Pará foram os jornais impressos, sobre os quais nos debruçamos para entender parte das memórias sobre os grupos sociais em Belém e em outras cidades do estado, assim como a memória dos meios de comunicação no estado e sua articulação ao longo do século oitocentista.

A imprensa em Santarém

A localidade onde hoje é a cidade Santarém, em linha reta, fica a 700 km de Belém e teve início por volta do século XVII. Os índios Tupaius, que habitavam a região, eram excelentes coletores de “drogas do sertão”, o que despertou o interesse das expedições militares pelas iguarias da floresta (IBGE, 2014).

Segundo histórico do IBGE (2014), a localidade era rica em minérios, o que atraía muitas pessoas. Em 1661, com a chegada do padre João Felipe Betendorf, enviado para catequizar os Tupaius, se deu o aldeamento de Tapajós, que em 1758 passou a ser conhecida como vila de Santarém. Considerada um importante palco das atividades dos cabanos, combateu os poderes regenciais, opondo-se às políticas administrativas da época oitocentista. A derrota dos cabanos aconteceu no ano de 1848. Quando o governo reassumiu o controle da localidade, deu a ela o título de cidade de Santarém (IBGE, 2014).

No que diz respeito à imprensa, pode-se ter como marco de início o ano de 1855, com o jornal *O Tapajoense* (1855-1856), porém, não se tem quase nenhuma informação sobre o periódico, a não ser que durou no máximo um ano. No século XIX, a cidade mostrou uma grande efervescência na produção da palavra impressa, tendo sido registrados 22 periódicos: *O Tapajoense* (1855-1856), *O Patusco* (1856-?), *A Bonina* (1857-?), *Monarchista Santareno* (1857-1865), *A Rodella* (1857-?), *Aldeão* (1858-1860), *O Domingueiro* (1859-?), *Quatro de Maio* (1859-?), *Baixo Amazonas* (1872-1896), *O Estímulo* (1873-?), *O Tacape* (1873-?), *O Municipio* (1878-1888), *A Mascara* (1879-?), *O Casaquinha* (1881-?), *A Juventude* (1881-?), *O Santareno* (1881-?), *O Amazoneze* (1883-?), *O Sorriso* (1887-?), *A Conciliação* (1889-1890), *Cidade de Santarém* (1893-1899), *A Cidade de Santarém* (1894-?) e *A Briza* (1895-?) (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

O jornal (Imagem 1) objeto de análise deste trabalho é o *Baixo-Amazonas*, periódico semanário cuja primeira edição foi em julho de 1872, tendo circulado até abril de 1896



**V Encontro
Regional Norte de
História da Mídia**

Comunicação, História e Cidadania

**30 Anos da Constituição Cidadã
x 50 Anos do AI-5**

16 e 17 de Agosto - UFAM (Manaus/AM)

Imagem 1: Baixo-Amazonas, 01 jul. 1872, nº 1, p.1.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

(BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). A autodescrição feita pela publicação afirma tratar-se de uma “folha política, noticiosa, literária e comercial”. A partir de 1880, intitulou-se como um órgão do Partido Conservador. Com a virada do Império para a República, em 1889, o jornal passa a ser um órgão do Partido Republicano (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Impresso pela Typografia Baixo Amazonas, em Santarém, a maioria das edições do jornal tinha quatro páginas. As edições circulavam aos sábados, mas há uma edição no domingo, sem motivo aparente. O *Baixo-Amazonas* era vendido, em 1872, pelo valor de três mil-réis pela assinatura trimestral. Os

registros mostram que em 1876 o valor de venda era de doze mil-réis por ano, com pagamento adiantado. A distribuição e venda era feita na própria tipografia.

As principais seções do *Baixo-Amazonas* eram Baixo Amazonas, Noticiário, Anúncios, Colaboração, Ediates, A pedido, Correspondência e Santarém. A partir de março de 1876, são encontradas novas seções: Parte Oficial, Factos diversos, Transcrição, Folhetim. Em julho de 1885, são incluídas na publicação as seções Gazetilia, Exterior, Solicitus e Interior.

As notícias mais frequentes são sobre política e comércio. A tipologia dos textos publicados é predominantemente de notícias, boletins e folhetins. Pode-se observar informações de Belém e do Rio de Janeiro por meio de correspondências. O periódico apresentava textos voltados à literatura, com folhetins, e notícias a respeito do comércio da cidade. Relata também o movimento social cotidiano da cidade, como batizados, viagens, casamentos, etc.

O *Baixo-Amazonas* não apresentou uso de imagens, como desenhos, charges ou fotografias, tampouco publicava logotipo do jornal. Não havia veiculação de manchetes, nem de chamadas. As matérias publicadas na primeira página continuavam nas páginas interiores.

Como proprietário do jornal foi citado, na edição número 102, de abril de 1891, o senador Barão de Tapajós. O redator-chefe era Augusto Olimpio, que tinha como regente Justiniano D’Almeida. Foram apontados três editores-chefes: Eugenio Atalba, em 1872; Henoch José da Silva, em 1878; e Marianno Olympio Almeida, em 1883.

Disputa política: Conservadores *versus* Liberais

O jornal *Baixo-Amazonas* desde o início deixou claro sua posição política e religiosa. Nas colunas vendidas aos “cavalheiros”, os anúncios escritos para publicação não podiam ir contra os princípios católicos e individuais, ou seja, tocar em assuntos, segundo o jornal, “inconvenientes”, fossem religiosos, comerciais, literários e, principalmente, políticos.

A questão política tinha espaço de destaque no jornal, assim como a Igreja Católica. Definindo-se como órgão do Partido Conservador, o periódico também teve preocupação de tornar a religião um dos temas frequentes em suas páginas, uma vez que o Partido Conservador era aliado e defensor da Igreja Católica Apostólica Romana. Por sua vez, a Igreja era forte colaboradora do *Baixo-Amazonas*, ganhando um lugar no jornal para exaltar a religião.

Mostrar as obras da igreja na regeneração do mundo é ver o paganismo vencido, a idolatria destruída; os erros dissipados, e os costumes purificados, a escravatura abolida, a verdadeira civilização introduzida no mundo; as artes creadas ou aperfeiçoadas; os espiritos esclarecidos, os corações iniciados em sentimentos elevados, em uma palavra, a regeneração, a prosperidade moral; a felicidade, a vida das sociedades. (BAIXO-AMAZONAS, 6 jul. 1872, n. 2, p. 2).

Apesar da importância da religião para o jornal, o principal tema do *Baixo-Amazonas* era a política. Além de ser o assunto que tomava conta da maior parte das edições do jornal, também era o que exigia mais desdobramento, no que diz respeito à cobertura dos resultados das eleições. Caso a vitória fosse do Partido Conservador, o jornal enaltecia o episódio.

Esse dia encerra uma página gloriosa na historia do Partido Conservador, apontando a mais completa victoria que alcançamos ante a urna eleitoral,

onde os nossos amigos sempre firmes e inabaláveis foram depositar o sufrágio popular (BAIXO-AMAZONAS, 26 ago. 1872, n. 7, p. 1).

Em oposição ao Partido Conservador estava o Partido Liberal, que sofria fortes críticas do *Baixo-Amazonas*. O jornal buscava enfatizar que o Partido Conservador não se sentia ameaçado pelos liberais, pois, segundo eles, os liberais representavam uma minoria “impotente” e “incompetente” para formarem um partido político capaz de ameaçar o domínio do conservadorismo.

Quando chegavam os resultados positivos das eleições, o jornal ressaltava com a frase “Nenhum Liberal!”, o fato dos liberais não terem superado os conservadores, sem deixar de apresentar uma justificativa para a derrota do Partido Liberal.

A derrota geral que acabão de sofrer em toda esta comarca talvez os convença de que a opinião publica esta revoltada contra os refractarios da ordem social; e que por tal não queirão na eleição de camaras repetir os actos indecorozos e immoraes que em toda a provincia eles tem praticado. (BAIXO-AMAZONAS, 31 ago. 1872, n. 8, p. 1).

O Partido Conservador, representado no jornal especialmente por comerciantes e militares, era privilegiado com a visibilidade oferecida pelo *Baixo-Amazonas*. O jornal não só exaltava o partido como também convocava a população a votar nos conservadores, agradecendo o apoio das pessoas da cidade.

Partido Conservador, do qual é órgão este jornal, agradece com toda a cordealidade aos seus numerosos amigos, que ainda esta vez sustentarão ante as urnas quanto é forte e inabalavel este grande partido, e contamos com a sua franca e leal cooperação para a eleição de camaras que se tem de proceder no dia 7 de Setembro vindouro. (BAIXO-AMAZONAS, 26 ago. 1872, n. 7, p. 1).

Entre as edições encontradas, há um intervalo entre os anos de 1886, quando o jornal ainda se considerava órgão do Partido Conservador, e 1894, quando o *Baixo-Amazonas* revela uma nova postura política. A partir da Proclamação da República no Brasil em 1889, o jornal passa a se posicionar como órgão do Partido Republicano. A única edição datada após esse evento é de 1894 e se encontra ilegível. A partir desses registros, nota-se como a memória sobre a política do país e da região ficaram marcados nas publicações do jornal.

O grandioso destino da região do Baixo Amazonas

Quando analisadas as edições do *Baixo-Amazonas*, foi possível notar um forte sentimento ufanista do jornal em relação a cidade de Santarém e à região do Tapajós. Essa postura foi observada especialmente nas edições do primeiro ano de publicação, 1872. Como era o ano de estabelecimento do jornal, talvez houvesse o desejo de se afirmar diante dos leitores como um periódico que valorizava e defendia os interesses da região. O fato é que a enunciação do jornal exaltava as características locais e os elementos naturais da região.

Quanto a esse aspecto, depois de examinar todas as edições disponíveis do jornal, vimos que a segunda edição do periódico, em 6 de julho de 1872, é bastante expressiva. No editorial, publicado na primeira página, percebemos claramente a posição do enunciador sobre o futuro da cidade:

Santarem uma das maiores cidades da provincia do Gram-Pará, é incontestavelmente pela sua posição sobre a margem direita do Tapajoz junto á sua confluencia no amazonas, uma cidade predestinada a ser o centro de um grande commercio, que dará impulso a civilisação no Tapajoz, rio de immensas riquezas, e de grande população. (BAIXO AMAZONAS, 06 jul. 1872, n. 2, p. 1).

Esse texto tratou com entusiasmo da iminente chegada de imigrantes estrangeiros (colonos) à região. Parece propor ao leitor a ideia de que haveria uma “ação benéfica à região” e que os colonos seriam instrumentos para que a região alcançasse o lugar de destaque a que, segundo a enunciação ufanista, a localidade estaria predestinada. “Por isso desde já bendizemos a feliz idéia de fazer convergir para o Amazonas e o Tapajoz a emigração estrangeira” (BAIXO AMAZONAS, 06 jul. 1872, n. 2, p. 1). Há uma construção enunciativa que destaca a região como local pronto e apto a ser colonizado e que eram necessários a força e a inteligência de homens que soubessem aproveitar os tesouros que aquela terra oferecia e os usassem como ferramentas para alcançar o desenvolvimento.

Necessitamos de braços, e de homens inteligentes, que, se aproveitem dos ricos thesouros naturaes, cultivando as terras ferteis, e immensas florestas d’este territorio, que se fosse povoado, e cultivado como a Inglaterra e a França, formaria um estado, cuja alliança seria desejada por outras nações” (BAIXO AMAZONAS, 06 jul. 1872, n. 2, p. 1).

O texto revela o anseio de “melhorar” a região no que se refere a dois aspectos: a população indígena que ali vivia e os desconfortos climáticos e naturais típicos daquela localidade. A catequese e a “civilização” dos indígenas, que anteriormente já habitavam a

região, são colocadas como um dos estágios do processo de desenvolvimento, que favoreceria a civilidade e o comércio local.

Como todos sabem, grande numero de familias indigenas vagueiam pelos sertões do Tapajoz. Uma vez regularizado o commercio, e doutrinado o povo na religião, para prosperidade desta grande [...] [ilegível]”. (BAIXO AMAZONAS, 06 jul. 1872, n. 2, p. 1).

Quanto às características naturais da região do Tapajós, dominada pelos rios, o periódico propõe a ideia de que o processo de colonização haveria de reparar também alguns efeitos negativos do processo natural de enchente e vazante dos rios. Elogiava-se o clima ameno da região e atribuía-se às “constantes brisas que espalham a frescura por toda parte” (BAIXO-AMAZONAS, 06 jul. 1872, n.2, p. 1) a facilidade que os estrangeiros, acostumados a viver em terras frias, teriam para se adaptar à vida naquele local.

O *Baixo-Amazonas* enuncia o processo de colonização como bastante vantajoso para as duas partes envolvidas: colonizadores e colonizados. Esse seria um grande encontro, a partir do qual as partes dariam o que têm de melhor e, como resultado da troca, habitariam a terra que almejavam.

[...] estamos convencidos que d’entro em pouco tempo, as plagas do Amazonas e do Tapajós, se transformarão, dando um lucro real aos inteligentes colonos, que vierem enriquecer a natureza, desentranhando seus riquíssimos capitaes, dando-lhes o valor e a vida. (BAIXO-AMAZONAS, 06 jul. 1872, n.2, p. 1).

A relação entre o povo de Santarém e os colonos é enunciada como um encontro fraterno e é dessa relação que resultarão os benefícios almejados por todos. Em sua fala, o enunciador incentiva a receptividade e acolhimento dos estrangeiros que estão para chegar.

Tenhamos fé no futuro; protejamos os bons estrangeiros, que vierem para estes lugares; fraternizemos todos n’essa grande idéa do engrandecimento do Baixo Amazonas, e veremos coroados os nossos esforços de felizes resultados. (BAIXO-AMAZONAS, 06 jul. 1872, n.2, p. 1)

O enunciador, partindo de seu local de fala (político, conservador e religioso), utiliza também a questão religiosa como ferramenta para dar respaldo ao seu posicionamento. Faz referência à fé, à predestinação e à Providência, apelando para o sentimento religioso que parecia predominar na sociedade àquele tempo, ratificando a ligação do periódico com a Igreja Católica. “É possível que então por sua vez seja mais lembrado o *Baixo-Amazonas*, dando-se lhe o lugar, para que está predestinado pela

Providência. O futuro nos dirá se são vãs nossas esperanças” (BAIXO-AMAZONAS, 06 jul. 1872, n. 2, p. 1).

Dentro da construção enunciativa de um lugar rico e farto, predestinado ao sucesso econômico e social, podemos acessar parte da memória circulante sobre a cidade de Santarém a partir dos enunciados do jornal *Baixo-Amazonas*. As memórias aqui expostas mostram uma enunciação da cidade como um lugar ainda preso ao passado, que tinha potencial para ser uma das grandes cidades do Pará, quiçá do mundo, pelo menos dentro da proposta do enunciador. Emanam vestígios da necessidade de se fazer parte de um todo, de uma localidade que queria estar dentro do “jogo” comercial e social do restante da sociedade, uma vez que, segundo a enunciação, toda essa benesse da modernidade era algo predestinado ao povo santareno.

Considerações finais

O Baixo-Amazonas surge em 1872 como um jornal de cunho político, associado ao Partido Conservador. Dessa forma, não são publicados assuntos contrários aos ideais conservadores, o que possibilita que a Igreja Católica, forte aliada dos conservadores, obtenha destaque nas edições.

Ainda em defesa de seu partido, o jornal aproveita para tecer críticas contra a oposição - o Partido Liberal - e utiliza o seu canal de comunicação com o público para convocá-los a votar em favor do Partido Conservador. Todavia, na única edição encontrada após 1886, observa-se uma mudança. O jornal *Baixo-Amazonas* passa a se definir como órgão do Partido Republicano, possivelmente influenciado pela Proclamação da República no Brasil.

O jornal, com sua capacidade de registrar e produzir discursos, acaba por alimentar a memória social e também se alimenta dela. Esses registros conseguem revelar um panorama histórico da época em análise. Isso pode ser feito a partir das marcas deixadas pela enunciação do jornal às quais podemos ter acesso nos dias atuais.

Diante das posições políticas e sociais claramente assumidas pelo *Baixo-Amazonas*, é possível perceber que, em seus textos, o periódico não se furtou a manifestar opiniões. A partir da análise da enunciação, vimos que o conteúdo publicado sofreu modificações de acordo com o alinhamento do periódico em relação ao contexto político da época.

Referências

- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- _____. O presente e o passado como processo Comunicacional. In: **REVISTA MATRIZES**, São Paulo, ano V, n. 2, p. 145-155, jan/ jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38330/41187>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIM, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003. p. 111-124.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **INTEXTO**, Porto Alegre, ano VIII, v. 1, n. 14 p. 1-11, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4251>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- BORELLI, Viviane; SANCHOTENE, Carlos Renan S. . Mídia e religião: um estudo sobre recepção sobre a Romaria da Medianeira. **E-Compós**, Brasília, v. 11, n 3, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2EJjgdl>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 19 – 43.
- BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa. SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Do alto da Vigia: os jornais da cidade do nordeste paraense. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2IJUNxL>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- CELLARD, André. A Análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Ane; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.
- COELHO. Geraldo Mártires. **O espelho da natureza: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil**. Belém: Paka-Tatu, 2009.

_____. O surgimento da imprensa no Pará. In: **Revista Pará Zero Zero**: imprensa, ideias e poder. Publicação bissetimaneal da Editora Resistência, Belém, ano II, n. 5, ago/set. 2008, p. 22-39.

_____. **Anarquistas, demagogos e dissidentes**: a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém: CEJUP, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IIBGE. **Cidades**: banco de dados. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 nov. 2014.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordarjes cualitativos em la investigación em comunicación, médios y audiencias. México: Tintable, 2011.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gisele. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p 43-62.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. Memória e narrativa jornalística. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 219-236.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Dimensão discursiva da comunicação. In: _____. **Estratégias da Comunicação**: questão comunicacional e formação de sociabilidade. 3. ed. Lisboa: Presença, 2001. p. 97-135.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Belém: CEJUP, 1992.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa. SANTOS, Lorena Emanuele Silva. Panorama da imprensa na micro-região Cametá-Pará. In: PINHEIRO, Roseane Arcanjo. REIS, Thais Assunção. ALMEIDA, Domingo Alves de. REIS, Rodrigo Nascimento (Org.). **Comunicação, jornalismo e memória**: estudos regionais. São Luís: EDUFMA, 2018. p. 132-151. Disponível em: <<https://bit.ly/2KfTnVV>>. Acesso em: 25 jun. de 2018.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará**: do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento, Edital Universal CNPq 2016. Belém: UFPA, 2017.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.